

Anne Frank

CONTOS
E OUTROS ESCRITOS

tradução de
Arie Pos

LIVROS DO BRASIL

PREÂMBULO

Do espólio em papel de Anne Frank faz também parte o seu chamado «Livro de Contos», sobre o qual escreve no seu *Diário* a 7 de agosto de 1943: «Há algumas semanas comecei a escrever um conto, algo que inventei do princípio ao fim, e gostei tanto que os frutos da minha pena se estão a acumular.» Nem um mês depois, começa a passar a limpo estes «frutos da sua pena» num caderno grande de capa dura. Na primeira página pôs o título: «Contos e Acontecimentos do Anexo, Descritos por Anne Frank»; ao fundo da mesma página escreveu: «Estreado: quinta-feira, 2 de setembro de 1943.»

Como o título já indica, trata-se de duas categorias: contos «totalmente inventados» e histórias que descrevem acontecimentos passados na vida no esconderijo. No fim do livro, Anne Frank fez um índice do conteúdo, indicando em que categoria se inserem os contos (veja as imagens do índice incluídas neste livro nas páginas 9 e 10).

Anne, provavelmente, concebeu a maioria dos contos em folhas soltas, passando-os a limpo no «Livro de Contos», pois neste muito raramente se encontram passagens rasuradas ou outras correções. O primeiro conto traz a data de 8 de dezembro de 1942, o que indica que o caderno contém as versões definitivas; o último conto tem a data de 12 de maio de 1944.

Anne incluiu alguns contos na versão reescrita do seu *Diário* (versão *b*), ao passo que o pai, Otto Frank, juntou mais alguns na edição em livro, que, com o título *Het Achterhuis* («O Anexo»), teve a sua primeira publicação holandesa em 1947.

Em 1949, oito contos de Anne foram reunidos em livro, com o título *Weet je nog? Verhalen en sprookjes* («Lembras-te? Contos e Contos de Fadas»). Uma coletânea bastante aumentada, *Verhalen rondom het*

Achterhuis («Contos à volta do Anexo»), apareceu em 1960. A primeira edição completa dos contos de Anne foi publicada em 1982, organizada por Joke Kniesmeyer. Por fim, saiu do prelo, em 2001, a edição baseada nos manuscritos de todos os contos de Anne, editada e prefaciada por Gerrold van der Stroom: *Verhaaltjes, en gebeurtenissen uit het Achterhuis / Cady's leven* (Amesterdão, 3.^a edição, 2005) («Contos e Acontecimentos do Anexo / A Vida de Cady»). Para efeitos de investigação dos contos de Anne, esta edição científica continua a ser a fonte indicada. A mesma edição serviu de base para os textos aqui reproduzidos dos «Contos e Acontecimentos» de Anne. As notas remissivas vêm da mesma edição.

Nas obras completas, os nomes abreviados que Anne usava nos contos foram escritos por extenso.

O SONHO DE EVA*

Quarta-feira, 6 de outubro de 1943

PARTE I

— Boa noite, Eva, dorme bem!

— Igualmente, mãe!

A luz apagou-se com um clique e, durante momentos, Eva ficou deitada às escuras, mas quando se habituou à escuridão notou que a mãe tinha fechado as cortinas de maneira a que uma faixa larga ficasse aberta, e, através da abertura, Eva conseguia olhar para a cara rechonchuda da Lua. A Lua estava tão calma lá em cima no céu, não se mexia, sempre sorrindo afável para toda a gente.

«Quem me dera eu ser assim», pensou Eva, «quem me dera estar sempre afável e calma, e toda a gente me achar uma miúda simpática. Como seria bom!» Eva continuou a pensar na Lua e na semelhança com ela, que, infelizmente, era tão pequena. De tanto pensar, por fim os seus olhos fecharam-se, e o pensamento transformou-se num sonho de que, no dia seguinte, Eva se lembrou tão vivamente que mais tarde por vezes duvidava se não teria acontecido mesmo de verdade.

Eva estava à entrada de um grande jardim, por cujo portão espreitava para dentro, indecisa, sem ganhar coragem para entrar.

Mesmo na altura em que estava pronta para virar costas, uma rapariguinha com asas aproximou-se dela e disse-lhe:

— Olá, Eva, podes entrar à vontade, ou não sabes para aonde queres ir?

— De facto, não sei — respondeu Eva, timidamente.

— Ora, então eu mostro-te o caminho. — E logo a fada cordata levou Eva pela mão.

Com a mãe e a avó, Eva já tinha passeado muito nos vários parques e jardins, mas nunca vira um jardim tão belo como aquele. Via uma abundância de flores, árvores e campos, e todo o género de insetos e animais pequenos, tais como esquilos e tartarugas.

A fada falava alegremente com ela sobre mil e uma coisas e Eva tinha ultrapassado a sua timidez ao ponto de lhe querer fazer uma pergunta, mas a fada rapidamente mandou-a calar pondo o seu dedinho nos lábios de Eva.

— Mostro e explico-te uma coisa de cada vez e depois de cada explicação podes perguntar o que não percebeste, mas de resto tens de ficar calada e também não me interromper. Se fizeres isso, levo-te logo de volta a casa e ficas a saber tão pouco como todos os outros seres humanos ignorantes! Bem, agora vou começar. Em primeiro lugar temos aqui a rosinha, a rainha das flores; ela é tão bonita e cheira tão bem que atordoia toda a gente e sobretudo a si própria.

«A rosinha é bela, elegante e bem-cheirosa, mas se algo não correr como ela quer vira-te logo os seus espinhos. A rosinha é tal e qual uma miúda mimada, bonita, elegante e amorosa à primeira vista, mas se tocares nela ou te ocupares por um momento com outra pessoa, deixando ela, portanto, de ser o centro das atenções, mostra logo as unhas. Ganha um tom quezilento, mostra-se ofendida e, fazendo-o, quer parecer amorosa. As suas poses são estudadas e por isso afetadas.

— Mas, fada, como é então que todos consideram a rosinha como a rainha das flores?

— É porque quase todos os humanos se deixam cegar pelo seu brilho exterior; há poucos humanos que não votariam a favor da rosinha, se tivessem de escolher. A rosinha é tão distinta e tão bela e, tal como no mundo humano, também quando se trata de flores, ninguém pergunta se uma mais feia por fora não seria mais bela por dentro e mais qualificada para governar.

— Mas, fada, quer então dizer que não acha bonita a rosinha?

— Acho bonita, sim, Eva, a rosinha é bonita por fora, e se não estivesse sempre em primeiro plano, talvez pudesse até ser amorosa, mas

uma vez que é a flor das flores, sempre se achará mais bela do que é na realidade; e enquanto for assim, a rosinha continua altiva, e não gosto de seres altivos!

— Mas então a Leentje será também altiva? Afinal, também é bonita e por causa da sua riqueza é a chefe da turma.

— Pensa um bocadinho, Eva, e hás de concordar que quando a Marietje da vossa turma quiser opor qualquer coisa contra a Leentje, esta incitará as outras raparigas contra ela, dizendo que a Marietje é feia e pobre. E vocês, as outras raparigas, fazem o que a Leentje manda porque sabem que se não fizerem o que quer a chefe, ela se zanga e saem para sempre das suas boas graças. Sair das boas graças da Leentje é quase igual a ter o diretor zangado com vocês desde há muito tempo. Já não és bem-vinda na casa dela e és ignorada pelo resto da turma. Mais tarde, na vida, raparigas como a Leentje ficarão sós porque quando as outras raparigas ganharem mais idade vai ser elas todas contra a Leentje. E, Eva, se isso estiver para breve, talvez a Leentje possa ainda emendar-se antes de ficar isolada para sempre.

— Portanto, eu devia esforçar-me para convencer as outras raparigas a deixarem de dar ouvidos à Leentje?

— Exatamente, e, no início, ela vai ficar zangada e furiosa contigo; mas se ganhar juízo e perceber como agiu, vai ficar-te muito grata e ganhará amigas mais sinceras do que foi o caso até agora.

— Ah, já estou a perceber. Mas, oiça, fada, será que eu sou também tão altiva como a rosinha?

— Ouve, Eva, adultos e crianças que se interrogam seriamente sobre estas questões não podem ser altivos, porque pessoas altivas não se dão conta disso. Por isso, és a pessoa mais indicada para responder a essa pergunta e recomendo-te fazê-lo. E agora continuamos, vês isto, não é amoroso?

A fada ajoelhou-se junto de uma campânula azul que se balançava suavemente na relva ao sabor do vento.

— Esta campânula é simpática, meiga e simples. Traz alegria ao mundo e badala para as flores como o sino da igreja badala para as pessoas. Ajuda muitas flores e dá-lhes apoio. A campânula nunca se sente só, traz música

no coração. Esta pequena flor é um ser muito mais feliz do que a rosinha. Não precisa de se preocupar com os louvores de outros; a rosinha vive apenas para e pela admiração alheia: se esta faltar não tem nada com que se alegrar. O seu aspeto vive para os outros, mas o seu coração está vazio e por isso sem alegria. A campânula, pelo contrário, não é tão bela, mas tem amigos verdadeiros que a apreciam pelas suas melodias e esses amigos vivem no coração dela.

— A campânula não é também uma flor gira?

— É, mas dá menos nas vistas do que a rosinha, que, infelizmente, atrai mais a maioria das pessoas.

— Ora, também me sinto só muitas vezes e, nesses momentos, quero estar com outras pessoas. Isso seria mau, então?

— Não tem nada a ver uma coisa com a outra, Eva. Quando fores mais velha, hás de ouvir as cantigas no teu próprio coração, tenho a certeza disso!

— Não se importa então de continuar a sua história, querida fada? Gosto muito de si e do que está a contar.

— Está bem, continuo. Olha para cima!

Com os seus dedos pequenos a fada apontava para cima, para um enorme castanheiro velho e nobre.

— É uma árvore imponente, não é?

— É gigantesca, sim. Quantos anos terá, fada?

— Deve ter à vontade mais de cento e cinquenta anos. Mas continua firme e direita, e não se sente velha. Todos admiram este castanheiro pela sua força, bem demonstrada pela sua indiferença perante toda aquela admiração. Não tolera ninguém acima dele e em tudo é egoísta e indiferente; desde que ele tenha tudo, o resto pouco lhe importa. Dá a impressão de ser tão generoso e de ser um apoio para todos, mas é fácil alguém se enganar. O castanheiro está contente quando ninguém lhe traz problemas. Leva uma vida alegre, mas não a quer para outros. As árvores e as flores sabem-no, levando os seus problemas sempre para o pinheiro, castiço e social, ignorando o castanheiro.

«Mesmo assim, também o castanheiro traz uma pequena cantiga num grande coração, como mostra o seu afeto pelos pássaros. Para eles, tem

sempre um espaço aberto e até lhes concede uma coisa ou outra, embora não seja muito.

— Será que podemos comparar este castanheiro também com um determinado tipo de pessoas?

— Nem precisas de perguntar, Eef. Todos os seres vivos podem ser comparados uns com os outros. O castanheiro não é exceção. Aliás, ele não tem nada de mau, mas tão-pouco é bom para as pessoas. Não faz mal a ninguém; vive a sua vidinha e está contente. Queres perguntar-me mais alguma coisa, Eva?

— Não, obrigada, percebi tudo, e estou-lhe muito grata pelas suas explicações, fada. Agora vou para casa, mas pode vir um dia contar-me mais, por favor?

— Infelizmente, isso é impossível. Dorme bem, Eef.

A fada desapareceu e Eva acordou; a Lua tinha cedido o seu lugar ao Sol e o relógio de cuco dos vizinhos cantava sete horas.

PARTE II

O sonho tinha deixado uma profunda impressão em Eva. Quase todos os dias reparava agora em pequenas coisas desagradáveis nela e então lembrava-se sempre dos conselhos da fada.

Esforçou-se igualmente muito para, aos poucos, deixar de fazer sempre a vontade a Leentje. Mas meninas como Leentje sentem logo que alguém tem algo contra elas ou quer afastá-las do seu lugar.

Não era de admirar, portanto, que se opusesse veementemente quando Eva durante um ou outro jogo propunha que outra pessoa mandasse. Os seus «lacaio» (era assim que chamavam às raparigas que seguiam Leentje «cegamente», como se dizia) eram instigados contra «aquela Eva mandona». Mas Eva notou com satisfação que Leentje não a tratava com a rispidez que usava com Marietje.

Esta era uma menina pequena, esguia e tímida, e Eva admirava-se muito que ela ousasse opor-se a Leentje.

Ficando a conhecê-la algo melhor, Eva deu-se conta de que Marietje era uma amiga muito mais engraçada e simpática do que Leentje.

À mãe, Eva não contou nada sobre a fada; ela própria não sabia porquê. Até então tinha-lhe confidenciado tudo, mas agora sentia, pela primeira vez, a necessidade de guardar isso só para si. Não se compreendia a si própria, mas tinha a sensação de que a mãe não a iria entender: a fada era tão bela e a mãe não estivera no jardim com ela. Nunca tinha visto a fada, e Eva não conseguiria explicar-lhe qual era o seu aspeto.

Não demorou muito até que o sonho tivesse exercido tanto efeito sobre Eva que a sua mãe reparou como a sua filha tinha mudado.

Falava de coisas diferentes e mais importantes, já não se exaltava tanto com insignificâncias. Mas porque não contava nada sobre o que a tinha mudado tão visivelmente, a mãe não se atrevia a entrar na sua intimidade.

Assim continuou a vida de Eva, enquanto ia juntando outros bons conselhos aos conselhos recebidos da fada. Entretanto, nunca mais viu rasto da fada.

Leentje já não era a chefe da turma, as raparigas revezavam-se agora no mando.

No início, Leentje tinha ficado furiosa, mas quando com o correr do tempo se apercebeu de que nada adiantava, optou por uma atitude mais amigável. Por fim, voltou a ser tratada normalmente porque não caía nos erros do passado.

Quando as coisas chegaram a este ponto, Eva resolveu contar toda a história à mãe. Um pouco para espanto dela, esta não começou a rir, mas disse:

— Foi um grande privilégio que esta fada te concedeu, minha filha, não acho que ela considere muitas crianças elegíveis para tal. Toma esta confiança como lição e não fales nisso com mais ninguém. Faz sempre o que a fada te aconselhou e não te afastes dos seus conselhos.

Eva ia crescendo e fazia muitas coisas boas à sua volta. Quando chegou à idade de dezasseis anos (quatro anos após o encontro com a fada), toda a gente a conhecia como uma rapariga simpática, meiga e prestável.

De cada vez que fazia uma boa obra, sentia-se ficar tão alegre e quente por dentro, e com o tempo percebeu o que a fada quisera dizer quando falou da cantiga no coração.

Quando já era mulher adulta, ocorreu-lhe de repente a ideia e a solução de o que e quem podia ter sido a fada.

Repentinamente, ganhou a certeza de que fora a sua própria consciência que lhe mostrara no sonho como fazer o bem; mas continuava muito grata que na sua juventude tivesse tido a fada como exemplo.

FIM

* Ver sobre este conto as entradas do *Diário* de 17 de fevereiro de 1944 e de 5 de abril de 1944.